

***Ghost in the Shell* - O corpo-máquina ou O dualismo reciclado**

Marcus do Rio Teixeira

A partir do filme de Rupert Sanders (2017) pretendo fazer algumas observações sobre a noção de corpo-máquina que perpassa a obra e comentar o que a psicanálise, sobretudo a partir do ensino de J. Lacan, tem a dizer acerca do tema do corpo. Aviso logo de saída que meus comentários se restringem ao filme. Não farei comparações ou referências ao mangá de Shirow Masamune, nem ao anime inspirado por ele.

Um breve resumo do enredo (sem *spoilers*) para nos servir de guia: em um futuro no qual a maioria das pessoas possui implantes cibernéticos para ampliar os sentidos, a inteligência e os atributos físicos, a Major é uma jovem vítima de um atentado terrorista no qual foi morta sua família. Seu corpo tampouco sobreviveu, porém, seu cérebro foi extraído e cirurgicamente implantado em um corpo mecânico, criando o primeiro ciborgue com corpo totalmente artificial. Suas habilidades sobre-humanas fazem que seja aproveitada como uma nova arma em uma força-tarefa que combate crimes cibernéticos. Diga-se de passagem, que em uma sociedade na qual a fronteira entre o humano e a máquina foi diluída, a noção de “crime cibernético” envolve muito mais do que um *hacker* cheio de acne clonando cartões de crédito no computador do seu quarto de adolescente.

O título do filme é dessa forma esclarecido: o cérebro da Major é o *ghost* (espírito, alma ou mente) contido, envolvido ou aprisionado na *shell* (concha, no sentido de casca, invólucro). As alusões à condição peculiar da Major, feitas tanto por membros do seu entorno quanto por ela própria, pontuam o filme. A cientista que ajudou a elaborar o procedimento que uniu o seu cérebro a um corpo artificial, e que se ocupa da sua “manutenção”, por assim dizer, pergunta como ela está. “Eu não sinto nada”, ela responde, exibindo uma pequena avaria no seu corpo robótico. Ao que a cientista retruca: “Eu me refiro a você que está aí - apontando para a cabeça da Major -, ao seu *ghost*. ” Como se pode ver, o tema de tais diálogos é o dualismo corpo x alma. Esse dualismo possui um papel central no filme e está por trás da concepção de ciborgue.

Mas de onde surgiu essa fantasia (para chamá-la pelo seu nome) da fusão entre uma mente humana e um corpo artificial? Apesar de a noção de ciborgue haver despontado no meio científico nos anos 1960 (e de já estar presente na literatura muito antes), sabemos que sua popularização é tributária das ideias de Ray Kurzweil. Se você ainda não conhece esse autor, aqui vai uma breve apresentação: Kurzweil é um desses indivíduos sedutores e hábeis no marketing de suas ideias e de si mesmos que são chamados de futurólogos. Ou seja, alguém que faz previsões sobre como serão a sociedade, a ciência, etc., daqui a alguns anos. Outrora, tais autores não costumavam chegar vivos à data de suas previsões e assim evitavam o vexame por haver errado redondamente. Kurzweil deu um passo além: ele trabalha como consultor junto a empresas de tecnologia, elevando a noção de *profecia autorrealizável* a um novo patamar. O futurólogo, portanto, não é simplesmente alguém que faz previsões sobre a sociedade futura,

mas um autor que trabalha ativamente para que suas fantasias sobre o futuro sejam aceitas no presente e a sua realização seja considerada como algo desejável, obtendo com isso maiores chances de concretizá-las. Segundo consta, o novo *hype* entre os *nerds* milionários do Vale do Silício é a busca da imortalidade, e um corpo biomecânico é uma das opções consideradas.

Discuti em outro lugar¹ o fascínio da nova geração de cientistas e de alguns intelectuais da academia por temas indiscutivelmente oriundos da ficção de cunho futurista. Na ocasião, lembrei o comentário de Hans Magnus Enzensberger a respeito de tal fascínio:

É cada vez mais difícil distinguir a ‘grande ciência’ da ficção científica. Certamente não é um acaso que parte da atual geração de pesquisadores, sobretudo nos EUA, defina seu horizonte cultural por meio de séries da TV como *Jornada nas Estrelas*. [...] Seria uma injustiça com o gênero querer subordiná-lo ao frio otimismo da linha Frankenstein, pois na história da ficção científica predomina há tempos a presença das utopias negativas, que pintam para o futuro um quadro com todos os horrores imagináveis. Não é de surpreender que os evangelistas da inteligência artificial, da tecnologia genética e da nanotecnologia privilegiem uma leitura caolha dessas quimeras.²

Porém, a ideia de um corpo-máquina habitado por uma alma humana não é uma invenção recente de cientistas fãs de ficção-científica. Ela remonta a Descartes, para quem o corpo humano, assim como o dos animais, funcionaria à maneira de uma máquina. A diferença entre o nosso corpo e o dos animais residiria no fato de que, no nosso caso, o corpo, substância extensa (*res extensa*), seria conjugado a uma alma, substância pensante (*res cogitans*) por intermédio da glândula pineal. Observem que esse dualismo cartesiano se mantém presente nas fantasias futuristas, como a de *Ghost in the Shell*, onde a questão central é a relação entre o *ghost* (alma, espírito) e o corpo-máquina, a *shell* (concha, invólucro). Desta vez com a tecnologia desempenhando o papel da glândula pineal.

Lacan chama a atenção para o fato de que o dualismo cartesiano sobrevive na noção atual de corpo: “É totalmente estranho estar localizado num corpo, e não se pode minimizar esta estranheza, apesar de a gente andar o tempo todo agitando as asas a se gabar de ter reinventado a unidade humana, que esse idiota do Descartes havia recortado. É totalmente inútil fazer grandes declarações sobre a volta à unidade do ser humano, à alma como forma do corpo, por meio de grandes reparos de tomismo e de aristotelismo. A divisão está feita de vez.”³

Ele critica desde cedo a noção cartesiana do corpo como extensão: “Tão profundamente desconhecido, por ter sido reduzido por Descartes à extensão, esse corpo precisa dos excessos iminentes

¹ TEIXEIRA, M. do R. Uma ética do objeto - Algumas consequências do discurso científico. In: *Vicissitudes do objeto*. Salvador: Ágalma, 2005. p. 234-320.

² ENZENSBERGER, H. M. Golpistas no laboratório. *Folha de S. Paulo, Mais!* Nº 500, 09/09/2001.

³ LACAN, J. *O Seminário, Livro 2, o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* [1954-1955]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 97.

de nossa cirurgia para que se evidencie ao olhar comum que só dispomos dele se o fazemos ser seu próprio despedaçamento, se o desarticulamos de seu gozo.”⁴

Mas é somente em 1972, no seu *Seminário 20, Mais, ainda [Encore]* que ele vai elaborar a noção de *substância gozante* para definir o corpo: “[um corpo] que comporta talvez algo de natureza a fazer por em função uma outra forma de substância, a substância gozante.”⁵ A noção de substância gozante, com perdão do trocadilho, é uma gozação com Descartes: afinal, de onde este foi tirar a ideia de que aquilo que caracteriza o corpo do sujeito é a extensão? Lacan coloca os pingos nos ii ao associar a definição do corpo à sua noção de gozo com a substância gozante, “(...) a substância do corpo, com a condição de que ela se defina apenas como aquilo de que se goza.”⁶ E conclui que “(...) um corpo, isso se goza.”⁷

Se concordamos com Lacan, que o corpo é substância gozante (insisto nisso para deixar claro que essa é uma definição lacaniana do *corpo*, e não, como escutamos de vez em quando por aí, de coisas às quais Lacan nunca se referiu como substância gozante), percebemos que o corpo-máquina não se enquadra nessa definição. Trata-se de um corpo que não goza, que não sente dor nem prazer. “Eu não sinto nada”, diz a Major. O seu corpo, como vimos, não possui sensibilidade, não é recortado em zonas erógenas. Aparentemente, tampouco possui orifícios, com exceção daqueles da cabeça. A Major, até onde se saiba, não trepa. Em uma cena, ela encontra uma prostituta e toca o corpo desta, mas o que ela quer é saber o que a outra sente.

A utopia da imortalidade concebida por Kurzweil e sua turma de *nerds* como a sobrevivência de um cérebro humano em um corpo maquínico é na verdade a realização do ideal cartesiano que, segundo Lacan, consiste na *Verwerfung* [foraclusão] do corpo: “O ato do Cogito é o erro sobre o ser, como nós podemos ver na alienação definitiva do corpo, que dele resulta, que é rejeitado na extensão. A rejeição do corpo fora do pensamento é a grande *Verwerfung* de Descartes. Ela é assinalada por seu efeito que reaparece no Real, ou seja, no impossível. É impossível que uma máquina seja corpo. Por isso o saber o prova sempre mais, colocando-a em peças destacadas.”⁸ O termo *Verwerfung* [foraclusão] é muito forte em Lacan, por isso sua escolha não deve ser considerada algo casual. Diríamos que aquilo que é foracluído na fantasia asséptica do ciborgue é o corpo enquanto substância gozante.

Ao situar o corpo como substância gozante, Lacan ultrapassa o dualismo cartesiano corpo x alma, que ele próprio afirmava dominar a nossa concepção de corpo até hoje. Ele assim define a relação entre o sujeito e o corpo: “Ter relação com o próprio corpo como estrangeiro é, certamente, uma possibilidade, expressada pelo fato de usarmos o verbo ter. Tem-se um corpo, não se é ele em hipótese nenhuma. É o

⁴ LACAN, J. Da psicanálise em suas relações com a realidade. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003. p. 356.

⁵ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda* [1972-1973]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008 (3ª edição). p. 29.

⁶ Id., *ibid.*

⁷ Id., *ibid.*

⁸ LACAN, J. *O Seminário, Livro 15, o ato analítico* [1967-1968]. Inédito, aula de 10/01/68.

que faz acreditar na alma, e depois disso não há razão para se deter, e achamos também que temos uma alma, o que é o cúmulo.”⁹

O conceito lacaniano de sujeito não é absolutamente equivalente à alma, tampouco ao corpo, como (por incrível que pareça) ainda encontramos nas formulações de alguns autores que afirmam sustentar suas leituras no ensino de Lacan. Porém, como vimos, para Lacan, achar que se tem uma alma é uma crença absurda. Quanto à relação do sujeito com o corpo, esta não é de equivalência, nem de igualdade, analogia ou homologia, mas de *disjunção*. Essa disjunção é exemplificada na experiência banal do não reconhecimento da própria imagem no espelho: “Mas eu não sou assim!” Esse corpo que me olha assustado de dentro do espelho é demasiado feio, ou velho, ou gordo, ou magro... Experiência, como disse, banal, cujo extremo pode ser encontrado no fenômeno quase alucinatório da anoréxica que se enxerga obesa.

Mas a disjunção entre sujeito e corpo não se resume a este exemplo. Listo de forma sucinta alguns de seus aspectos:

1) O sujeito precede o nascimento do corpo e sobrevive à morte deste.

A disjunção com seu corpo é muito fácil de perceber: do sujeito se fala, quer dizer que se o representa pelos significantes antes de seu nascimento, o que quer dizer que um sujeito precede o seu corpo na cadeia que o conduz a seu nascimento. Poder-se-ia dizer: ele precede o corpo que será o seu enquanto representado pela cadeia. Mas, também, como vocês sabem - Lacan o desenvolveu bastante - o sujeito sobrevive a seu corpo. Ele sobrevive na cadeia de sua história, nos traços de si mesmo que vai deixar.¹⁰

2) Um corpo tem consistência. “Um corpo tal como esse com que vocês se suportam, é muito precisamente esse algo que, para vocês, só tem o aspecto de ser o que resiste, o que consiste antes de se dissolver.”¹¹ Ele é tangível e perceptível; já o sujeito é pontual e evanescente.

Em todo caso vê-se, imediatamente, que um corpo, diferentemente de uma alma ou de um sujeito, está sempre localizado no espaço, pelo menos em nosso nível de percepção. Um corpo está em um só lugar e só em um, não tem ubiquidade qualquer que o faça deslocar-se ou que se possa deslocá-lo.¹²

⁹ LACAN, J. *O Seminário, Livro 23, O Sinthoma* [1975-1976]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007, p.146.

¹⁰ SOLER, C. *L'en-corps du sujet. Cours 2001-2002*. Paris: Fondation Clinique du Champ Lacanien, 2003. Aula de 21/11/2001. Tradução: Graça Pamplona.

¹¹ LACAN, J. *Le Séminaire, Livre 22, RSI*. [1974-1975] Paris: Éditions de l'Association Lacanienne Internationale, [19_]. Édition hors commerce. Aula de 18/02/75.

¹² SOLER, C. *L'en-corps du sujet...Op. Cit.*, aula de 21/11/2001.

3) Enquanto sede das pulsões, o corpo muitas vezes dispensa o sujeito, dado o caráter acéfalo da pulsão.

As pulsões testemunham que o corpo pode ser a sede de manifestações que escoam de toda participação subjetiva. Quero dizer que a pulsão é o momento em que esse circuito se põe em funcionamento e se impõe, não se vai dizer ao sujeito, mas se impõe àquele que é o portador do corpo, porque enquanto sujeito ele pode querer, não sei, tratar a pulsão de diversas maneiras; ela o anula. E pode-se dizer que a pulsão é o momento onde ele se torna puro organismo na relação com um objeto que Lacan tentou especificar.¹³

Resumindo: o sujeito *não é* o corpo, mas tem com este uma relação de disjunção radical, chegando ao extremo. Tal disjunção não é de forma alguma equivalente à suposição de uma alma imaterial que sofre, prisioneira de um corpo material, que ela anima. O sujeito não é a alma.

Uma vez dito isso, não deixa de ser curiosa a escolha de Scarlett Johansson para interpretar a protagonista do filme. Não porque ela seja uma mulher ocidental e a personagem seja japonesa, como criticaram alguns. Afinal, o *cérebro* da personagem é de uma garota japonesa, porém o seu corpo foi inteiramente fabricado, inclusive o seu rosto. Logo, ela poderia ter os traços de qualquer etnia. Não, a estranheza está no fato de que para interpretar essa personagem de corpo desvitalizado, assexuado, que só funciona como arma para lutar, bater, matar, tenha sido escalada uma atriz que é um *sex-symbol*, uma mulher cujo corpo é objeto do desejo sexual em todo o mundo.

Coincidência ou não, as personagens interpretadas pela atriz em alguns de seus filmes possuem corpos muito estranhos. Em *A Ilha* (Michael Bay, 2005), ela é Jordan Two Delta, um dos clones de celebridades que contratam uma empresa de biotecnologia para manter bancos de órgãos ambulantes vivendo em uma instalação subterrânea para serem usados quando for necessário. Seu corpo, portanto, não pertence a ela, mas é uma mercadoria, propriedade da pessoa que forneceu as células para clonagem.

Em *Sob a pele* (Jonathan Glazer, 2013), um filme de estranha melancolia, ela é uma alienígena que vive disfarçada entre os seres humanos, seduzindo homens dos quais se alimenta. A pele que envolve o seu corpo tem a forma e os traços de uma linda mulher, mas sob essa pele ela é um ser estranho de aparência reptiliana. Já em *Lucy* (Luc Besson, 2014), ela faz a protagonista homônima, uma garota comum que é obrigada por traficantes a transportar uma nova droga em seu corpo e acidentalmente absorve uma grande quantidade da substância. O efeito dessa overdose faz com que ela tenha acesso a áreas inexploradas do seu cérebro e com isso adquira não somente um conhecimento extraordinário, mas poderes sobre seu próprio corpo, sobre os corpos de outros seres e sobre a matéria. Ao atingir a capacidade máxima do cérebro, ela se desloca no espaço-tempo e o seu corpo desaparece, integrando-se ao cosmo. O que isso nos diz acerca das fantasias sobre o corpo na atualidade?

¹³ MELMAN, C. A questão do corpo em psicanálise. In: _____. *Formas clínicas da nova patologia mental e artigos inéditos*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2004. p.117.

